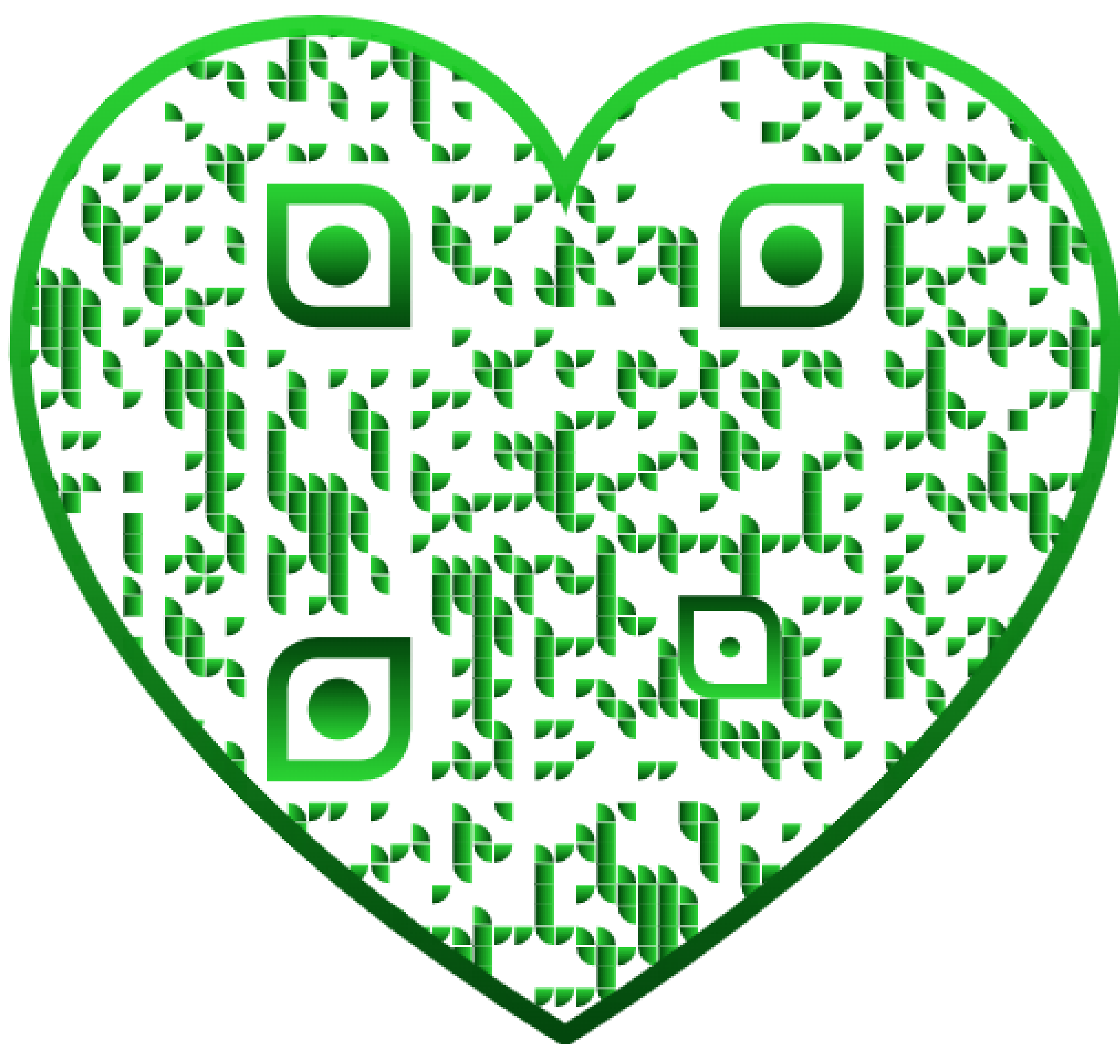
CAMILA MARCIANO

BÔNUS DE ANIVERSÁRIO

CORAÇÃO VADIO

PARTE INTEGRANTE DA SAGA FERREIRA



Rapaz, eu nasci do amor, meus pais têm a história mais linda que eu conheço! Se não for para viver do amor, tô perdendo meu tempo neste mundo!

Éramos nós três contra o mundo. Sempre fomos. A professora do terceiro ano, eu tinha só oito anos na época, me separou das minhas amigas porque eu falava demais e me colocou entre dois meninos chatos: um, que ria de mim, o outro, que entrava mudo, saía calado e tirava notão. Nem conversava com ninguém e eu ficava pensando se ele tinha alguma doença contagiosa. Ele nunca falava nada, nem respondia chamada, só olhava para a professora quando ela dizia: “Rafael!”. Nunca tinha ouvido a voz dele e a gente estudava na mesma classe desde o primeiro ano.

Eu chegava em casa triste porque a escola, que era legal por causa das minhas amigas, tinha ficado um saco. Só as via no recreio e elas se uniam entre elas e começavam a me deixar de fora. Fiquei quieta como a professora queria que eu ficasse, mas isso não melhorou meu desempenho. Eu só ficava quieta porque eu tinha medo dos meninos do meu lado.

Um dia eu esqueci meu estojo em casa e tive que falar com um deles. O Lipinho pegou meu lápis emprestado, isso lá em casa, eu emprestei, mas não guardei o estojo de volta na mochila. Pensei comigo, se eu não tiver que copiar nada da lousa até o recreio não vai ter problema. Professor de matemática entrou na sala pedindo para a gente copiar da lousa. Eu nem virei para o lado, com o queixo enfiado no peito, mortinha de vergonha de falar, pedi:

— Me empresta um lápis? Esqueci o estojo.

Vieram dois lápis, de duas direções. Eu nem sabia de quem pegar. O Rafael, que nunca falava nada, disse que eu podia pegar a borracha dele, se quisesse. Agradeci, ainda um pouquinho nervosa, peguei o lápis do Gabi, o que ria de mim, e usei a borracha do outro.

Já era abril. Lembro que foi depois do aniversário da mãe porque no dia do aniversário eu caí da cadeira e ralei o joelho no tapete da sala enquanto pendurava balão na sala com meus irmãos. Lembro que o ralado no joelho ainda estava lá quando abri minha boca.

Eu, que era muito faladeira, fui colocada entre dois meninos para ver se eu calava a boquinha, mas verdade é que quase perto das férias eu era faladeira de novo e o pai me chamava de canto para conversar depois da reunião porque “eu era uma ótima aluna, aprendizado rápido, mas eu dispersava muito porque falava demais”. Ninguém acreditava que eu fui capaz de fazer o mudo falar. O Rafa falava comigo e até já respondia “presente” na chamada e a mãe dele me deu um beijão no rosto quando descobriu que eu era a responsável por fazer o Rafa ser menos tímido.

A mãe dele dizia que o filhinho tinha fobia social, isso meu pai me contou depois, os pais sempre compartilham os podres dos filhos nas reuniões de escola e a mãe do Rafa compartilhou o podre do filho com o meu pai que contou dos meus podres. O Rafa tinha uma timidez tão grande, sempre introspectivo e caladão, mas quando eu pedi um lápis, se ele ficou nervoso de falar comigo, nem demonstrou.

O Rafa era o tipo que não gostava de fazer apresentação, seminário, nem trabalho em grupo. Não se mistura e esse é o jeitão dele. Não tinha amigos, só se divertia com os primos e a mãe dele tinha medo de como ele seria na escola. Ela me mandava docinho pela lancheira do Rafa, era legal, queria que eu falasse mais com o filho dela, que eu andasse com ele no recreio e eu andei, ué, quando não tinha ninguém olhando, ele era legal. A gente assistia os mesmos desenhos, os mesmos filmes, lia os mesmos livros e ele também tinha dois irmãozões.

Com o Gabi, o que me emprestou o lápis, ele tinha a mesma história que eu: foi separado dos amigos porque falava demais e estava detestando não ter com quem conversar, por isso, depois de me emprestar o lápis, aliviado por ver que eu não era muda que nem o Rafa, ele mesmo puxava conversa.

Logo as professoras viram que foi um mau negócio colocar Gabriel do meu lado, lá na primeira fila, só não sei porque elas não nos separaram. Deixaram a gente lá, junto e falando muitão, acho que só por causa do Rafa, que passava a interagir conosco e rir das nossas piadas. Depois de o Rafa contar para a mãe dele que eu partia com o Gabi os docinhos que ela mandava, ela passou a mandar dois docinhos em vez de um. Meu pai sempre dizia que dia de doce é sexta e eu só levava doce na sexta, sempre um bombom só, mas a mãe do Rafa mandava docinho para a gente todo dia.

Em Agosto, quando voltamos das férias, a mãe do Rafa falou com os meus pais e me chamou para o aniversário dele. O Gabi também foi convidado e a gente foi. Depois de um dia inteiro num parquinho eletrônico, cheio de coisa que eu gosto, de carrinho de bate-bate, montanha russa, videogame, roda gigante e tudo o mais de legal que tem no mundo, a gente virou amigão mesmo. O Rafa, o Gabi e eu. Até parei de me importar com as minhas ex-amigas que me excluíram do grupo.

No recreio agora andávamos nós três. Os nossos pais se conversavam toda semana e os docinhos pararam de chegar. Cada dia um pai mandava uma coisa para os três. A mãe do Rafa estava muito feliz de ver que o filho tinha amigos e ela queria desculpas para a gente continuar falando com ele. E meus pais também, sempre abastecendo a gente com guloseima, com fruta, com suco de caixinha, o que fosse, cada dia alguém levava alguma coisa em triplo para dividir.

E, quando chegou o meu aniversário, em outubro, eu também os chamei para o aniversário, foi lá em casa. Eu mostrei para eles a impressora 3D que a gente tem e eles quase nem quiseram saber de comer bolo. Ficamos lá no escritório da mãe brincando de imprimir. O Lipe tinha me mandado um e-mail com um projeto de carrinho cheinho de engrenagem. A gente começou a fazer naquele dia, mas levamos um mês todo, eles vindo na minha casa todo dia, para a gente terminar.

Virou costume, no quarto ano, no quinto e no sexto, a gente viver um na casa do outro. Fizemos um monte de projetinhos, até ajudamos o Lipe e a mãe no modelo de aeroplano deles. Eu, o Rafa e o Gabi fizemos a carcaça, o Lipe e a mãe fizeram a parte eletrônica e elétrica. No dia que colocamos o avião para voar, a Mona o abateu no ar e eu chorei muito. A culpa não era da cachorra, tinha um negócio voando no território dela, o Guto tentava explicar, mas eu fiquei com muita raiva.

O Gabi e o Rafa choraram também. Era o nosso avião! E deu muito trabalho de fazer, o projeto que pegamos da internet não encaixava direito e a gente lixou muito cada pecinha até tudo caber certinho. Éramos três tontos trancados no banheiro da minha mãe, cada um chorando a sua parcela de choro, olhando para o outro, todo mundo triste.

Eu lembro que o Gabi foi o primeiro a parar. Quando parou, limpou o rosto, secou o ranho na manga da blusa e fez nós dois pararmos de chorar, também. Me deu um pouco de papel, deu um pouco de papel para o Rafa e sorriu, foi a primeira vez que eu me vi admirando um menino, aliás. “É só a gente consertar”, ele disse. Tinha uns olhos tão azuis, tão azuis, mais azuis que os das Botelho. Quando chorava, como naquele banheiro, em volta do azul ficava bem vermelho, junto da pontinha do nariz.

Ele ainda ia descobrir, éramos muito tontos no sexto ano, mas no sétimo ano ele ia perceber: Era o menino mais bonito da sala. Era o único menino que recebia correio elegante na festa junina. Eu recebi um, uma vez, deles. Fizeram troça comigo, não assinaram o nome, só escreveram “admirador secreto”. Descobri depois que foram eles, para rir de mim, mas eu não sei porque, guardei. Enquanto eu não sabia quem era o “admirador secreto”, eu queria que fosse um deles e, no fundo, fiquei feliz que tenham sido os dois.

Mas não falei nada. Essas coisas não se fala quando tem 12 anos. Você fica pensando qual dos dois vai ser seu marido, quantos filhos vai ter e essas coisas que as meninas pensam, mas eu nunca me decidia. Uma hora eu queria que fosse o Gabi porque o Gabi era muitíssimo bonito, mas quando o Rafa chegava partindo o bolinho de baunilha dele comigo (só porque ele sabia que eu gostava muito de bolinho de baunilha) eu me derretia toda.

Os problemas começaram aí, na verdade. Começa uma pressão de todos os lados para você perder seu BV. Quem está beijando quem, quem está namorando com quem e todas essas coisas. Todo mundo queria fofocar de todo mundo. No fundo, no fundo, você nem quer perder o BV, beijar nessa idade é estranho, ninguém sabe direito como é que faz, fica nessa pressão de beijar logo porque ninguém quer ser o único que não beijou ainda.

E comigo foi a mesma coisa. Estava na hora, todo mundo beijando, você tem que beijar. Tem que namorar alguém, alguém tem que gostar de você. E lá estava eu, sem amigas para falar dessas coisas. Enquanto as meninas atrás de mim ficavam toda hora trocando bilhetinhos, eu não tinha com quem trocar. Com quem falar disso? Os com quem eu podia falar, não se fala.

Pensando bem, por boa parte da minha vida eu só tive a minha mãe de mulher para conversar. Em casa só tinha menino e na escola só tinha menino. As minhas primas eu só via nas férias e, com a Alicinha, a mais nova, eu conversava disso porque ela perguntava.

Uma vez as mães do Rafa e do Gabi os deixaram viajar para Poços conosco, no meio do ano. Era época de frio, então usamos pouco a piscina, ficávamos mais na fazenda de gado do Tio Carlos porque a Bia levava a gente para lá. Levamos nossa 3D também e, com o Lipe, a gente fez muita coisa legal. No fim da viagem a Alicinha perguntou qual dos dois eu gostava, porque era visto que os dois gostavam de mim e eu não entendi o que ela quis dizer, só sei que a minha cabeça deu um nó:

Se os dois gostavam de mim, o nosso trio não ia durar para sempre. Uma hora ou outra a gente ia se separar porque eu sou só uma e eles são dois. Se eu gostasse de um, como o outro ia se sentir? Isso me deixava triste e, na volta para casa, os dois não entendiam do porquê de eu ter ficado tão quieta.

Começaram os problemas com o "escolher". A pressão de beijar e a pressão de escolher. O Gabi ria de mim, ele já todo desenvolvido, os pelos começando a nascer, as meninas no pé dele, ele já não tinha mais medo de perder o BV até mesmo porque ele tirou boa parte do BV das meninas. Arrastava-as para a garagem onde as tias da van guardavam as vans de levar os alunos para casa e dava beijinho nelas. Demorou para perceber que era o menino mais bonito da sala, mas quando descobriu, demorou pouco a tirar proveito.

Enquanto eu e o Rafa… a gente ouvia ele contando das coisas, do como as meninas beijavam, do como ele fazia para arrastá-las para lá, mas a gente não respondia nada, só ouvia. Ficava com medo de dizer alguma coisa que desse na cara de que nós não tínhamos beijado ninguém.

Um dia, fomos nós três no cinema e aquele dia foi o mais estranho de todos. Era muito esquisito. Sentei no meio deles, como sempre, Rafa na direita,

Gabi na esquerda. Lançava um filme que a gente tava doido para ver e já tinha estourado a tela do celular de tanto que víamos o trailer. Com muita pipoca e coca-cola, num dado momento, o Gabi segurou na minha mão. Só catou e segurou, normal, seguro de tudo como só ele. Ficou segurando a minha mão, mas não me disse nada.

Coisa de troca de cena, eu que já tinha parado de ver o filme, doida de nervoso de ver o Gabi com a minha mão, vem o Rafa segurar a outra. Coração mais rápido que eu, não tinha. Manuela Miller Ferreira, morta por AVC aos doze anos.

— Você pode soltar da minha mão, se quiser. – O Rafa disse, cochichando. Ele era quietão, mesmo. Sempre foi, mas era cheinho dessas simplezas.

— Não é isso.

— Sua mão tá suando.

— É que o Gabi tá segurando a minha outra.

— E qual das duas você quer?

— Eu vou ter que escolher? – E falar era pior do que pensar.

— Só se quiser.

Fui falar com o Gabi, do meu outro lado:

— Gabi.

— O que foi?

— Rafael tá segurando a minha outra mão.

— Eu sei.

— Sabe?

— É, a gente combinou de fazer isso. Você vai ter que escolher, Manu. A gente é amigo, mas um dia você vai escolher um de nós e o outro vai ter que ficar bem com isso.

Eu nem sabia o que dizer e ele continuou:

— Eu queria que você escolhesse ele.

— Por quê?

— Porque eu vou ficar bem se você escolher ele, mas ele não vai ficar bem se você me escolher.

Dei um beijo no rosto dele sem nem saber como lidar com isso. O mesmo medo que eu tinha era o medo que eles tinham e eu achava isso lindo. Não era só eu a doida que se atropelava na pressão de beijar logo. Eles sabiam que isso ia acontecer e se conversaram: quem a Manu escolher não importa, era o que aquelas duas mãos me diziam. Nem soltei a mão de ninguém. Assisti ao filme muito mais tranquila porque a pressão se dividia e eu não sofria mais sozinha.

Terminamos o filme que foi bem menos empolgante que o trailer, fomos comer na praça de alimentação no shopping, depois o pai do Gabi nos deu carona para casa. A gente nunca se beijava de tchau, era sempre o "até amanhã" e pronto, mas quando eu saí do carro, eu quis beijar o rosto dos dois e, mesmo o pai deles estranhando muito, beijei e depois saí.

O mesmo olhar que o Rafa tinha, o Gabi tinha. Os dois felizes e tristes pelo beijo. E eu também. Dá para escolher? Tinha que dar. Dia seguinte cheguei na escola, tudo igual sempre, a gente se esperava para subir para a sala. Sentamos. A primeira aula era de ciências. Não falamos mais nem do beijo, nem da escolha, nem nada. Continuamos normal até o intervalo, quando o Gabi foi atrás de uma menina e Rafael e eu ficamos sozinhos.

— Não consegui dormir direito, ontem. – Ele disse. Com doze anos a gente não levava mais lancheira, comprava na cantina. Tínhamos acabado de rachar uma coca-cola, dois canudos, um para mim e outro para ele e eu terminava meu salgado na escada perto do pátio.

— Por quê?

— Pensando.

— Pensando em quê? – E eu sabia que o assunto sério ia começar.

— Tudo bem se você escolher ele. – Baixou a cabeça, se ocupou do canudo, tudo para não me olhar. – Eu quero que você me escolha, mas tudo bem se você quiser ele.

— Você sempre diz essas coisas. "Tudo bem se você não quiser".

— É, minha terapeuta diz que é bom. – Ele disse, terminando o salgado dele. Eu nunca nem tinha ido em terapeuta na vida, nem passado perto, e ele faz terapia desde os cinco anos de idade.

— Mas e se eu não quiser escolher?

— Você quer?

— Eu não consigo escolher, Rafa.

— É fácil. É só ver de quem você gosta mais.

Eu gostava do Rafa porque ele era simples. Sempre muito calmo, analítico e inteligente. Ele colocava ordem onde eu era só brincadeira. Ele liderava naturalmente, a Gabriel e a mim, sempre nesse "tudo bem se não quiser". Ele não era explosivo e raramente entrava na onda de tirar sarro dos outros, tão comum na minha família. O Rafa era intenso para dentro e eu gostava muito dele por isso.

Só ficou bonito de verdade depois de entrar na faculdade. A puberdade dele foi um caos, espinha, pelos no rosto, a voz trocando e ficando engraçada, tudo desregulado, mas quando floresceu, floresceu e ficou gato. Aos doze anos, era comum. Sem nada demais, só um moleque que parecia ter cem anos a mais

do que tinha e com as melhores respostas enroladoras do Universo.

Mesmo quando ele não tinha estudado para a prova, mesmo quando ele não estava seguro da matéria, ele explicava, desenhava gráfico, enrolava a professora até tirar notão. Já fizemos um trabalho em quinze minutos só com o dom que aquele menino tinha para enrolar professor. Ficamos vendo luta livre no youtube até cansar em vez de fazer o trabalho e depois minha mãe me ligou dizendo que estava indo me buscar. Quinze minutos e duas pesquisas no google, e voilà, um trabalho que rendeu dez pontos.

Mas o Gabi… O Gabi era burro para matemática, ria de mim porque eu era boa demais em matemática para uma menina, tirava sarro da minha cara com tudo, chamava meus peitos de azeitoninhas, mas eu adorava ele. A gente ria muito, o Rafa e eu, com ele. Era o dia todo rindo, a gente passava horas o ouvindo falar das garotas, do como elas beijavam e de que algumas até o deixavam passar a mão na bunda delas. Ele quem tinha sempre as melhores músicas e os melhores nomes para projetos. Vivia tirando foto da gente. O que o Rafa era intenso para dentro, o Gabi era intenso para fora.

E lindo. Nasceu lindo, cresceu lindo, sempre foi lindo e demorou bem pouco para se acostumar com menina no pé dele. Era um babaca com elas, mas comigo e com o Rafa, ele era legal e a gente sentia que faltava um pedaço, quando ele faltava. Sempre faltava um pedaço quando um de nós faltávamos.

Mas agora eu tinha que escolher. E eles queriam que eu escolhesse.

— Talvez eu não devesse escolher nenhum. – Respondi, enfiando na boca o último pedaço do meu salgado, naquele mesmo intervalo.

— E vai perder o BV com quem?

— Sei lá, não tô com pressa – Imagina, euzinha, com pressa.

— Vem comigo.

Me arrastou, sem dizer nada além, só me arrastou lá para onde todos os alunos vão para perder o BV. Eu queria? Queria. Mas, e o medo? Mas, e o Gabi? Fui, meio arrastada, meio por vontade. Nos enfiamos num escurinho atrás da van da escola e ele me beijou.

A gente nunca tinha beijado, então não sabia como era, quem coloca a cara onde. Primeiro um selinho e depois mais. A gente não sabia como era, mas já tinha visto os outros fazerem. Nos beijamos. Era esquisito, ele tinha gosto de coca-cola, era melado e dava coisas lá embaixo. Ele colocou a mão na minha cintura sem mexer um centímetro, nem para cima, nem para baixo e eu coloquei as mãos nas costas dele.

— Eu queria perder o meu com você. – Ele disse. No fundo, eu também queria perder o meu com ele, já que o Gabi já sabia beijar e não esperou ninguém.

— Eu já falei que não vou escolher.

— Uma hora vai sim.

Gabi escolheu por nós. Saíamos do esconderijo das vans e ele entrava com uma menina da nossa classe. Ele viu meu rosto vermelho, viu a gente saindo e entendeu tudo. A carinha que ele fez dá vontade de chorar até hoje. Pareceu que eu estava matando ele. Ele ia beijar outra menina, mas quando me viu com o Rafa, parou. Congelou no lugar e segurou o choro. Depois saiu correndo e a menina ficou lá, parada sem entender nada, humilhada por ter sido abandonada e depois, ela também saiu correndo.

Deu o sinal pouco depois. Entrei na sala esperando encontrar o Gabi, o Rafa também, mas ele não voltou. Não entendemos. A coordenadora pediu para que eu guardasse as coisas dele porque a mãe tinha vindo buscá-lo. O Gabi não estava doente. O Rafa olhou para mim, eu guardando o material do Gabi e ele também segurava o choro nos olhos.

E também, quem não? Eu segurava, o Rafa segurava e o Gabi, coitado, provavelmente chorava muito. Ele só disse que queria que eu escolhesse o Rafa por amizade.

Dia seguinte o Gabi veio para a escola. Sentou-se no mesmo lugar, mas nem esperou a gente para ir para a sala de aula, nem conversou conosco. Depois do intervalo, estava sentado com as meninas e, no fim do ano, tinha outros amigos. No ano seguinte, sala separada. Terminamos o nono ano, formatura do fundamental, tudo sem ele.

Aconteceu o previsível: Rafa e eu nos juntamos. Namorados. A minha mãe ficou surpresa de eu ter escolhido o Rafa. Sempre achou que eu fosse namorar o Gabi. Não contei para ela o acontecido, só disse que era ele e pronto. No primeiro ano, dos meus catorze para os quinze, éramos só o Rafa e eu contra o mundo. Notão, viagem de férias, projetos de 3D, aniversários. Tudo, só eu e ele. Sabíamos que Gabi passava de moça para moça, cada dia uma, namorava e desnamorava na mesma velocidade.

Acompanhávamos de longe, por Facebook e Insta, ele continuava tirando muita foto, mas mais sozinho. A maioria das fotos que tirava, ou sozinho, ou com coisas, ou marcado na foto dos outros. Não tirava mais foto como era na nossa época. Ele se sentia traído e, antes de nos separarmos de vez, Rafa e eu tentamos nos aproximar, pedimos desculpas, quisemos voltar o trio, mas ele não quis, Rafa e Gabi brigaram de soco e pontapé, eu também, os três com raiva de nós mesmos, puxão de cabelo, baixarias, Gabi me chamando de puta por não saber de quem eu gostava, de vadia e tudo quanto era nome. E depois disso nunca mais nos falamos.

Só nos cruzávamos na escola. Rafa crescendo e ficando lindo, sempre

comigo, sempre tímido e na dele, participando das doidices da minha família, dos bullyings dos meus irmãos, das brincadeiras da minha mãe. Aos poucos queria pegar na minha bunda, nas minhas pernas, ver como eu era sem roupa. Aos poucos a gente foi crescendo e querendo mais do que beijinho e íamos. Ele deixava eu ver, eu deixava ele ver. Não queríamos transar, ainda. Chegávamos perto, mas não queríamos porque, na época a gente não entendeu, mas depois fomos entender e tudo se encaixou.

Mas, até se encaixar, a gente brincava. Se entendia. Ele me entendia, eu entendia a ele, a gente chegava bem perto de gozar, mas não gozava. Era divertido aquela euforia doida. Ele parecia outro toda vez que vinha por cima e o Rafa ficava lindo daquele jeito. Parecia mais com o Rafa que eu admiro. Só o jeito dele falar, na sala de aula mesmo, entre um exercício repetido e outro, eu já sabia que de tarde, enquanto meus irmãos trabalhavam e estudavam, meus pais também, a gente ia fazer besteira.

É muito engraçado isso, nele. Ele olha para você, fala qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, pensa uma besteirona e coloca na boca do Rafa, mas no fundo você sabe o que ele quer dizer. É como se mascarasse uma fala com outra e ele fazia isso sempre, na frente dos outros.

Parecia ter vida dupla, também. Um menino quietinho e tímido na frente do mundo, todo ativo e mandão, na minha frente. Sempre sabia o que dizer, sempre sabia o que pensar, sempre tinha alguma coisa para me confortar.

Menos quando se tratava do Gabi. Quando o víamos, o rosto do Rafa se transformava. Ele franzia a testa e era como se perguntasse: “por que tá fazendo isso com a gente, Gabi?”. Eu também nunca soube. Doía de ver Gabi com outros amigos, com outras pessoas, fosse quem fosse. Tava errado. E ele olhava para nós, quando olhava, com desprezo. Como se tivéssemos dado motivo para isso.

***

O primeiro porre da minha vida foi nessa época. Cheguei no Lipe e no Guto, o pai e a mãe tinham saído para namorar, eles bebiam cerveja na frente da tevê. Pedi para tomar também, um olhou para outro e me deram.

— Qual você quer, Manu? – O Guto perguntou.

— Você quer dar uma de pai ou quer dar uma de mãe? – O Lipe já se ria, imaginando como seria uma Manuzinha bêbada.

— Como é? – Entendi foi nada dessa pergunta.

— Se você quer destilado ou fermentado.

— Ah, caralho, sei lá. O que vocês estão tomando?

— Cerveja. – O Guto saiu da sala, foi na cozinha, pegou uma latinha que

nem a dele, lavou o lacre, enxugou na camiseta e voltou com ela aberta – Ninguém aqui vai controlar o quanto você bebe. Tá grandinha, então se controla. Quando sentir que está começando a ficar tonta, vai, come alguma coisa, bebe água, sei lá.

— Mas se quiser chapar, tô contigo, Manu. – Lipinho sorria, triste como sorria na época sem Vaca Megera.

A primeira cerveja foi tranquila, eu já tinha bebido uma. Sentei entre o Guto e o Lipe, estava passando futebol que o Guto gostava muito, tinha amendoim na mesa, eles falavam e falavam e a gente foi bebendo. Ninguém tinha me contado que você só percebe que fica tonta quando se levanta. Por três cervejas eu fui bem, o gosto é bom. O Lipe já estava na quinta. Primeiro bateu um tesão doido, você vai ficando soltinha, toda com calor, manda uma ou duas mensagens indecentes para o namorado. Depois, lá pela quinta, o tesão reverteu e o que bateu, enquanto eu buscava água na geladeira, foi uma bad do cão. Uma tristeza que eu não sabia de onde vinha, só vinha.

Sentei na cadeira da cozinha, o celular na mão, chorando sem entender direito porquê. O Rafa não respondeu minha mensagem indecente. E depois veio a sexta e a sétima cerveja. Aquela vez não foi a primeira vez que bebi, eu já tinha bebido antes, só que nunca foi tanto. Eu não via nada por causa da tontura. Olhava para a tela do celular e tentava focar, sentada sozinha na cadeira da cozinha.

O Lipe foi o primeiro a ir lá ver o que estava acontecendo comigo. Agachou na minha frente como se fosse o pai, me olhando com o rostinho bêbado franzido.

— O que foi, Monstrinha?

— Eu não sei.

— Tá tão bêbada que tá até chorando?

— É. – E ri.

— O que foi?

Eu não sabia, mas era um não saber sabendo. Eu sabia e vinha bem devagarzinho. Saudade de amigo misturado com ciúmes com raiva, com sentimento de desprezo. Eu sempre lembro do Gabi, mas ali, eu só lembrava dele. Dizem que bêbado não tem controle, mas engraçado é que a gente faz bêbado aquilo que queria ter feito sóbrio.

— Vai, me conta. – Ele me disse, sentando-se na outra cadeira. Eu bebi muitas cervejas, mas certeza é que ele tinha bebido o dobro.

Contei para ele o que aconteceu quando beijei o Rafa pela primeira vez. Que o Gabi viu e que ele parou de falar com a gente. Contei que eu sentia falta do Gabi e que queria tê-lo, ao menos, como amigo ainda.

— Liga para ele. – Ele me disse e eu sabia que era o que ele queria fazer: Pegar o telefone e ligar para a dele, só que como o caso dele era muito mais complicado que o meu, ele se realizava dizendo para eu ligar.

Eu ia responder, mas senti a bile na boca. Fomos para o quintal e eu vomitei o jantar no tanque. O Lipe segurava a minha cabeça e ria com a Mona pulando na minha perna, feliz de me ver, querendo brincar. Depois veio o Guto com água e arrumando meu cabelo num rabo de cavalo.

— Vem, Monstrinha, chega de brincar de adulto. – O Guto me puxou do chão, me pegando no colo, e me levou para o meu quarto.

Tudo rodava e eu fiquei sozinha de novo. Sozinha e muito triste. Prometi que não ia beber mais. Vinha um choro lá do fundo. Busquei com os olhos onde estava meu celular e o vi perto do computador, carregando. Me arrastei da cama para a poltrona do computador e entrei no whatsapp.

Eu nunca apaguei o telefone dele. Ele foi o primeiro de nós três a ganhar celular, mas eu não sabia se era o mesmo número. Abri os contatos vendo tudo dobrado e achei o contato dele, com foto. E tentei a sorte:

— Gabi, aqui quem fala é a Manuzinha. Eu sei que a gente não se fala tem muito tempo, mas não gosto disso. Por favor, vem falar com a gente, o Rafa tá triste, eu tô triste. Você falou no cinema que eu podia escolher ele, mas eu não queria escolher nenhum. Eu não queria nada, eu só não queria separar a gente, mas daí o Rafa me puxou para a garagem e eu fui, eu também queria saber como era beijar e você já sabia como era. Beijei ele, tô com ele, mas não queria que você tivesse ido embora. Eu queria ser nós três de novo, como foi. E se você tem namorada agora, apresenta ela para a gente, Gabi. Eu sinto tanto a sua falta… Tanto, Gabi! Éramos nóis três contra o mundo e agora você nem olha na minha cara… Gabi…

Escrito assim até parece que foi uma mensagem consistente e bonita, mas não foi. Foi uma voz chorona, arrastada, eu perdia o fio da meada o tempo todo. O Gabi ri dessa mensagem até hoje.

Não demorei nada a dormir e, claro, de manhã, a cabeça doía de um jeito estranho.

O pai e mãe estavam mansos como sempre ficam depois de sair para namorar. Me viam naquele desastre, mais acabada que sempre, e se riam. O Guto contou da minha bebedeira, do vômito no tanque enquanto a Mona pulava de felicidade na minha perna.

O Lipe me levou para a escola e disse quando eu saí da porta de trás:

— Agora vai e tenta passar o dia sem dar vexame.

— E, ah, bem-vinda ao mundo dos adultos. – O Guto completava. Eles são lindos mesmo, o Lipe e o Guto, quando juntam, não tem melhor dupla que

eles, mas não é fácil ser caçula – A gente bebe para ter coragem e depois é sóbrio que a gente enfrenta a merda.

— De todo jeito – O Lipe puxou o câmbio da ré – Boa sorte.

E se foram. O Rafa me esperava na escada do pátio, onde esperava todo dia. Ele ainda não sabia do áudio idiota que eu tinha mandado. Contei para ele antes do sinal e ele não riu como o Lipe riu, ele fez o mínimo gesto de desgosto que ele faz quando desaprova alguma coisa: morde os dentes, travando o maxilar, um segundo só, antes de continuar imóvel e mudo.

— Bom, - ele barganhava – pelo menos um de nós teve coragem de tocar nesse assunto.

O Gabi entrou pelo portão da escola minutos depois. Tinha ouvido o áudio. Estava na cara dele. Olhou para nós dois e não tinha desprezo gelado, tinha raiva quente. Gostei daquilo, ao menos era alguma coisa. Raiva era melhor que desprezo. O Rafa não travou o maxilar quando o viu, apenas franziu a testa, triste e deixou estar. Mandei outra mensagem para ele, quando Rafa e eu subimos para a classe: que nos encontrasse no intervalo.

— Um intervalo só não resolve.

— Minha casa, então. – Respondi.

Até a hora em que ele tocou a campainha, a casa vazia, Rafa e eu não conseguimos comer. Nem comer, nem conversar, nem nada. Esperávamos pelo Gabi, mas tínhamos medo que ele não chegasse, que nunca aparecesse. Três da tarde eu mandei mensagem, ele visualizou, mas não respondeu. Ele viria?

Chegou quatro horas, eu lembro bem porque eu fiquei contando os minutos. Tinha os olhos azuis vermelhos, toda vez que ele chora, os olhinhos dele ficam vermelhos, eu lembro bem. Senti falta e raiva, tudo ao mesmo tempo. Queria enchê-lo de porrada, como da última vez que nos falamos, mas queria enchê-lo de beijos, também.

Boa parte das coisas eu não fazia ideia, naquela hora. Só a sensação de que faltava alguém. Só a sensação de que eu queria o Gabi tanto como eu queria o Rafa e a necessidade de colocar tudo em pratos limpos. Parar com a besteirada de olhares de desprezo, parar com a besteirada de não se falar. Só queria voltar a ser como antes, projetinhos na 3D, longas expectativas para filmes nerds, presentes de aniversário que faziam a gente perder o fôlego. Pai e mãe sabe dar presente, mas nada melhor que presente de melhor amigo. É como se ele te lesse e traduzisse você num objeto. Eu queria voltar a ganhar action figures, a ganhar camisetas nerds, colarzinhos tontos. Eu queria voltar a dar pôster de Blade Runner, Matrix e todos os filmes velhos de Sci-Fi que o Gabi ama.

Será que era pedir muito, só voltar no tempo e na época em que não existia essa pressão doida de dança das cadeiras, sobre quem ficava com quem,

só nós três, amigos, planos juntos para quando ficássemos velhos, eu, arquiteta e os dois, engenheiros? Gabi deixou de ser burro para matemática por minha causa. Por causa dessa menina aqui, boa demais em matemática. O Rafa conseguiu falar com desconhecidos, saiu do casulo por nossa causa.

E eu? Eu me sentia feliz. Será que dava para a gente ser só feliz, cacete?

Parado ali na soleira, o Gabi olhava de mim para o Rafa, na casa dos meus pais. Ofereci água e suco, ele não quis.

— Desculpa por tudo, Gabi. – O Rafa disse primeiro. – Eu queria que ela me escolhesse e meti os pés pelas mãos.

— Você disse que era para esperar ela escolher. – E o Gabi não segurava as lágrimas. – Que nenhum de nós daríamos o primeiro passo.

— Erro meu. Não consegui ficar esperando. Eu não queria perder o BV com ninguém mais e você saía com uma menina por dia.

— E você disse que queria que eu escolhesse o Rafa… - Eu disse. – E eu não queria escolher nenhum.

— Pois é, se você tivesse escolhido, a gente não estaria assim, agora. – O Gabi enxugava o choro na manga do moletom – E minha vida não seria essa merda.

— Eu escolho nenhum, então. A gente entra num acordo porque eu não sou coisa para ficar sendo passada de um para outro. Então, chega. Amigos. É isso.

E aí o Rafa quem começou a chorar.

— É melhor assim – consolei.

— E como é que você acha que eu vou ser seu amigo, se ser só amigo não basta? – O Rafa disse.

— De quem você gosta mais, Manu? – O Gabi pressionava. – Foi você quem me chamou para conversar. Por mim, eu nunca mais tocaria nesse assunto.

— Não quero que você vá embora, Gabi – O Rafa disse. – A gente não está feliz.

— E vocês querem que eu faça o quê? Meu melhor amigo e a garota que eu quero estão se beijando e eu tô rindo por educação de um monte de piada bosta. Eu tô indo em festa que não quero, beijando meninas que não quero, indo a lugares que o Gabi de antes nunca nem tinha pensado em ir. E agora? Somos três, não dois. Então um sobra e eu sobrei. Não me chama para conversar para uma coisa que não tem conversa, Manu. Segue seu rumo, você também, Rafael, e me deixem seguir o meu.

— Eu nunca seria capaz de escolher um só. – Dei a largada de um ponto sem volta. – Eu gosto dos dois, eu quero os dois e só um não dá certo. Você acha que é só eu escolher, mas e se eu não conseguir? Eu gosto do Rafael, e muito.

Quer que eu seja sincera? Então tá, depois não fica me chamando de vadia por aí: Eu quero beijar você, Gabi, tanto como eu quero beijar o Rafa, eu tenho ciúmes de você tanto como eu tenho do Rafa. Eu quero os dois, mas não posso ter os dois e o que eu sinto falta eram das nossas molecagens, de projeto na 3D e férias doidas, mas a gente tinha que crescer, né? Vocês pedem para eu escolher, mas como? Então eu tenho ficado quieta porque não dar resposta é melhor que esta resposta. Estão felizes? É isso.

— Você quer os dois, Manu? – O Rafa perguntou.

— Quero, saco! Você sabe, Rafael. Eu já te disse isso, nunca escondi!

— Então tenha. – O Gabi respondeu.

Eu olhei para o Rafa procurando permissão. Querendo ou não, naquela altura do campeonato, eu era comprometida com ele, não com o Gabi. O Rafa me sorria. Como ele podia me sorrir? Se alguém tasca a mão no que é meu eu fico louca, nem a pau que eu sorrio bonito do jeito que ele sorria.

Era mesmo aquilo o que estava acontecendo? O Gabi me pedindo um beijo e o Rafa de acordo? Era muito estranho para três garotos de quinze anos, mas era isso o que tinha.

Ao mesmo tempo, para eles, tudo parecia certo.

— É isso mesmo o que vocês querem? Um tá sorrindo que nem tonto e o outro tá doido para me beijar. Vai dar merda, gente. Olhem o que eu estou falando, vai dar merda.

— E tem outra alternativa? – O Rafa limpou os olhos e continuou – Eu gosto de você, Manu, você sabe. Só que a gente não é feliz sendo só dois. O Gabi longe te deixa triste e me deixa triste também. Em dois ou em três, a gente vai chorar e, se é para chorar, que seja pela sobra, não pela falta. Cansei de mandar mensagem para esse porra pedindo desculpa, cansei de perguntar para a mãe dele se ele está bem. Eu me preocupo com esse merda e nós sempre fomos um trio. Não quero perder isso e você, Manu, nunca foi minha garota. A gente namora e tal, mas a gente sabe que namora enquanto o Gabi não volta. O Gabi está de volta.

— Ei, Rafa. – O Gabi sorria. Cara de bobo e de feliz.

— Que é, seu merda?

— Quer me beijar também?

— Sai fora.

— Você tem ciúmes de mim igual ela. Você quer que a gente seja trio. Você chorou igual eu quando fui embora. Você também me ama. Pode achar que é só amizade, mas não é, não.

E eu gostei muito de ouvir o Gabi falar isso. Parecia que tudo se encaixava. Explicava o porquê de a minha sensação de incompletude quando

estava com o Rafa, explicava o porquê o Rafa também chorar de ver o Gabi longe, explicava o porquê a gente não conseguia ser só dois. Tudo encaixava.

— Eu vou beijar o Gabi, Rafa. E tá tudo bem se você quiser me beijar também.

— Ao mesmo tempo? – O Gabi perguntou. Ele quem queria beijar o Rafa, mas não conseguia compreender dois meninos beijando uma menina.

— É, ué.

— Você é muito cara de pau, Manu.

— Pergunte ao Rafa o quanto.

A gente não sabia até onde podia ir, quando se beijou. Só beijei o Gabi, bem mais respeitoso que o Rafa era. A mãozinha do menino-moço na minha cintura, a boca colada na minha e um leve gosto salgado. Todo bonitinho, o nosso primeiro beijo.

Eu é que cansei da castidade doce daquele beijo e desci a mão dele da minha cintura para a minha bunda. Eu tinha quinze anos, já. Não era nenhuma santinha. Ia para a escola sem calcinha só de sacanagem. Ainda era virgem, verdade, mas com namorado a gente aflora umas coisas que a gente passou a vida ouvindo que é coisa de puta. Faz na sombra para não sair da norma, mas faz.

A primeira vez que eu vi pornô eu tinha uns doze anos. E foi bem estranho, aquilo ali era muito falso e muito plástico, mas com doze anos você olha aquilo e pensa que aquilo é sexo. E eu fui, enquanto o Rafa também ia se descobrindo, me descobrindo. É bom não estar sozinho nessa época, porque aí a gente descobre as coisas junto. Vai olhando o corpo do amor da gente e vendo onde deixa ele mais aceso. Vai encontrando de onde é que as coisas fluem e vai procurando de onde a nossa flui.

A primeira vez que eu vi um ménage eu automaticamente pensei na gente. Foi na hora. E aquele era o meu pornô favorito da vida. Eu podia passar horas vendo aquilo, de roupa, toda bonitinha, mas vendo. Mandei um para o Rafa e ele só comentou daquilo uma semana depois.

— Você gosta disso, Manu? – Ele perguntou, quase um ano atrás.

— Depende. – Menti – Você gosta?

— Prefiro duas mulheres. – Ele se esquivou e eu vi que era esquiva.

Mas agora estávamos ali. Um menino me beijando e o outro olhando. O Gabi com a mão na minha bunda, me colou no corpo dele, ele, mais alto que eu, todo lindo como era, respirando pesado e me comendo com a boca. Não esconde de mim que está com tesão, Gabi, que eu também estou. Eu lembro que eu estava de saia de tule, pretinha como eu gosto, mas a calcinha era de menina, de bichinho. O Rafa nunca falou nada das minhas calcinhas grandes que cobrem a

bunda toda, mas, com a boca no Gabi, eu pensei que devia ter posto uma calcinha mais bonita.

Minha mãe nunca falou nada da roupa que eu gosto de usar, mas eu nunca tive coragem de comprar uma calcinha de mulher junto dela. Só com o Guto, uma vez, se ofereceu para me levar para comprar roupa e ele mesmo já saiu tacando umas peças rendadas na minha orelha. Olhou para mim com cara de malfeito e disse “Tá bom que você está só nos beijinhos com o namoradinho, viu, Ogra? Leva isso aqui e vê se não mata ninguém do coração”.

Só que tinha gatinho na minha calcinha, naquele dia. E lacinho na frente. O Gabi enfiando a mão por baixo da minha saia, metendo a mãozona na minha bunda e eu pensando na calcinha. Não percebi quando o Rafa se aproximou. Colou o peito nas minhas costas, as mãos nos meus quadris e ficou lá, parado, só me provocando porque ele sabe que eu perco rapidinho o fio da meada quando ele colava desse jeito.

Um menino no meu cangote, outro na minha boca. É, estava decidido, eu queria os dois. E sentia a situação lá embaixo esquentando muito.

— Rafa, - O Gabi chamou. E tinha uma voz de cochicho, de cama, muito da gostosa – Me beija.

O Rafa não respondeu.

— Você vai sair correndo, se eu te beijar?

— Gabi, você é gay? – Perguntei.

— Não, Baixinha, tô assim por sua causa.

Eu me virei para o Rafa, todo afoito, querendo me deitar na cama, já bem mais para lá do que para cá. Queria nós três, não queria? Ele estava com tesão, não estava com ciúmes. O Rafa quietinho, bonzinho e tal some todo quando fica com tesão. Ele me olhava muito, fica todo mandão. Era esse o Rafa que estava lá e eu queria que esse Rafa encontrasse o Gabi que era todo impulso e comigo, que sou toda quietinha nessas horas. Puxei o Rafa para a minha boca e senti a mão do Gabi entrando pelo cós da minha calcinha:

— Já? – Divertido e muito sensual, o Gabi era. Eu ouvi o cochicho dele e fiquei com mais tesão enquanto o Rafa me beijava com a mão, agora ele, não mais o Gabi, na minha bunda.

O Gabi foi para o meu pescoço e ele era doido: Lambia, mordia e entrava com o rosto no meio do meu cabelo, puxava a corrente do meu colar com o dente. Fiquei pensando onde ele foi aprender tudo isso e fiquei com ciúmes. Esteve fora, o meu Gabi. E isso me deixava triste. As mãos dele saíram da minha calcinha e foram para as costas, mas era como se estivesse lá, ainda, tinha o mesmo efeito. Apertava as minhas vértebras, a minha cintura, as costelas. E parecia que podia ficar horas fazendo isso.

Foi quando o Rafa afastou meu cabelo do meu ombro para ajudar o Gabi a me lamber melhor, que eu percebi que não ia dar conta.

Vi a mão do Gabi subir para o rosto do Rafa, um entendendo o Universo do outro, sem pressa, sem sair correndo com a investida, sem medo. Errados nós já estávamos. Três não é número para casamento, então, o que mais podíamos temer? O Rafa parou de me beijar, passou a me lamber o pescoço também e depois eles se encontraram. Um menino atrás de mim e outro na minha frente, se beijando. Eu já imaginei isso, mas nunca… nunca tinha visto. Já pensei se o Rafa ficava tão triste quando via ao Gabi por causa da forma como as coisas acabaram, ou se tinha mais. Imaginar e desconfiar a gente sempre desconfia, mas aquilo… Os dois se beijando, um entrando de novo na minha saia, por dentro da calcinha e o outro me abraçando pela frente.

O Gabi entrou na minha calcinha e apertou o meu montinho até entender a minha anatomia e reconhecer que aquele pontinho mais duro no meio dos meus lábios era meu clitóris. Esfregou aquilo com força e devagar, beijando o Rafa que respirava baixinho no meio da boca do meu Gabi.

— Vai devagar, Gabi – Pedi, sem querer atrapalhá-los, sentindo a mão dele abandonar meu botãozinho e querendo entrar em mim – Sou virgem.

— Vocês estavam esperando eu chegar. – Ele disse, sorrindo, olhando para o Gabi.

— E você demorou muito. – O Rafa respondeu.

— Eu estou aqui, agora. – Continuou – Você quer?

— Não, - respondi – Agora não, tá muito cedo, ainda nem sei onde coloco as mãos.

— Achei que era só eu que estava com a sensação que tem mão demais nesse negócio – O Gabi ria.

— Não, também tô. – Eu ri.

— A gente acha um jeito de encaixar tudo. – O Rafa disse, limpando a própria boca melada de mim e do Gabi.

***

O Dia seguinte, na escola, tudo parecia novo. Com o Rafa eu podia demonstrar carinho, todo mundo sabia que eu namorava ele, mas com o Gabi, que voltou a sentar pertinho da gente, eu não podia. (Do primeiro ao terceiro ano do ensino médio, os alunos podiam dispor as carteiras como quisessem, então, Rafa e eu sempre tínhamos nossas mesas coladas, da mesma forma aconteceu quando o Gabi colou a carteira dele do outro lado da minha). O problema disso é que a gente não podia beijar, não podia dar as mãos, não podia nada. No

máximo, mandar bilhetinho.

Só que aluno não perdoa aluno. Demorou bem pouco para começarem as fofoquinhas. Primeiro, todo mundo achou que eu traía o Rafa com o Gabi. O Rafa saía como o frouxo-corno e eu, como a vadia. Deixamos pensar. Depois esse assunto morreu. Não era possível que o Rafa, logo a maior nota da sala, não fosse ver que a menina dele estava com outro cara.

Foi quando, cansado da palhaçada, e isso já tinha dado seis meses desde que nos beijamos e nos resolvemos, que o Gabi, num intervalo de troca de aula e outro, beijou o Rafa para todo mundo ver. E eu beijei o Gabi, em resposta. A Sala ficou doida. O Rafa E o Gabi eram gays e eu estava ali no meio?!

É, eram mais ou menos gays. E eu era mais ou menos de cada um. E a sala não perdoou, supondo, nos grupos de whatsapp, que eu dava o cu para um, a xota para outro.

Os meninos da sala queriam a vadiazona aqui, as meninas da sala me odiavam. O segundo e o terceiro ano foram os piores. Adolescente não conta nada para a mãe, então não envolvemos coordenadores, nem professores, nem nada, só os alunos. Um dia um menino me perguntou, na fila da cantina, quem eu gostava mais de chupar. E para qual deles eu dava o cu.

E eu era virgem. Eu sabia que o peso do julgamento com uma menina era ruim, mas não achei que era tanto. Segui meu coração e deu nisso. Bullying pesado nas aulas de educação física, nenhuma menina passava a bola de nada para mim e todos os meninos queriam pegar no meu corpo, nos jogos mistos.

Lá estava eu, branca, magrela, com boa educação, imersa numa bolha protetora dentro de casa, pastando para passar de ano. Lá estava eu e eles. Eu entendi que seria assim. Os meninos apanhavam no banheiro, sofriam xingamentos horríveis e eu era o corpo público em que todos os meninos achavam que tinham o direito de pegar.

Seria melhor que contássemos aos nossos pais, claro que sim, a coordenadoria faria alguma coisa a respeito dos alunos, mas como contar para os meus pais que eu gostava e namorava dois meninos? Não contei para ninguém e isso, passar e não passar por isso sozinha, poder chorar com os meus meninos quando as coisas ficavam muito difíceis, nos armou contra o mundo. Éramos só nos três. Aprendíamos onde nossas mãos encaixavam, quem gostava mais de quê e como, quem precisava de mais tempo para gozar, qual gostava de ir por cima e quando.

Mas aprendíamos também essa confiança. Esse querer-bem sem poder fazer nada, limpando as feridas quando alguém buscava proteção. A gente se envolvia numa bolha muito mais densa e muito mais sensível. Sofríamos de ciúmes uns dos outros, eu tinha ciúmes do Rafa e do Gabi e eles tinham ciúmes

de mim, mas a gente achava melhor ter ciúmes um do outro, que acabar com aquilo.

Foi a escola quem estreitou e nos moldou daquele jeito. Ela e esses alunos quadrados que veem uma menina grávida de um rapaz muito mais velho e acham normal, mas esculacham uma menina virgem que ama dois meninos. Éramos o bode expiatório, mas até isso foi perdendo a graça. Foi difícil por um tempo, mas conforme passavam os dias, não tinha mais sentido ofenderem a gente daquele jeito, simplesmente porque a gente já aprendia a revidar.

Quando o Rafa ergueu da cadeira dele, logo ele, o menino-prodígio daquela escola, e deu um soco só, mas só um, no menino que mais falava merda para mim, pronto. A escola sossegou. O Rafa pegou suspensão, mas ninguém disse o motivo da briga. A fama dele falava por ele. Rafa impunha respeito sem nunca nem ter aberto a boca. Para os coordenadores, para ele se erguer da carteira e machucar um menino, o que apanhou tinha que ter provocado e muito.

De fato, provocou. E quando o Rafa voltou para a escola, o bullying diminuiu bem. A gente não se sentia parte dos alunos quando o final do terceiro ano chegou, então sequer nos envolvemos com a festa de formatura e a viagem. Só queríamos sossego e, se desse, um quarto vazio onde a gente pudesse fazer aquilo que já queria.

Eu decidi, pronta e segura, que queria perder a minha virgindade no dia da formatura. Conversamos como a gente faria àquilo, nossos pais sabiam que não queríamos merda alguma de formatura e nos deixaram comemorar com jantar no restaurante do pai e depois, festa.

A mentira que contamos era essa: as três famílias reunidas do restaurante do pai, depois os três formandos sairiam para uma festa. Procurei um vestido lindo para aquela noite, mais sutiã lindo, mais calcinha. Na frente do espelho, eu gostava do que via. Desci para a sala, só faltava a mãe descer e depois fomos para o restaurante do pai onde, pelas mensagens, eu via que o Gabi e o Rafa já estavam lá.

Cumprimentei-os como cumprimento quando tem mais gente. Só um abraço e um beijinho no rosto. Era ruim cumprimentar assim. O Guto desconfiou a noite inteira o que estava rolando. Ele via meus meninos sorrindo, ele me via sorrindo. Era sorriso demais numa mesa para quem tinha recusado formatura oficial.

E ele achou por bem, quando nós três entramos num taxi, me dar a carteira dele com, curiosamente, só o cartão de débito e camisinhas.

— Caso precise. – Fechou a porta do taxi e nós três fomos até o velho bar onde eu frequento.

Íamos mesmo para uma festa, primeiro. O Lugar onde aceitavam a gente

e onde a gente comemoraria a nossa alforria do ensino médio. Bebemos, dançamos, nos beijamos e comemoramos. Era a nossa noite. Ano seguinte a vida pregaria outras peças conosco, mas naquela noite, éramos só nós três e ninguém mais.

Algumas pessoas do bar também entenderam que aquele trio era de relacionamento aberto e tentaram se aproximar, mas nós não quisemos porque não éramos abertos para o mundo, éramos poliamorosos, mas fechados. Calha de eu ser ciumenta para caramba.

Foi a primeira vez que eu ouvi essa palavra, aliás. Poliamor. Digitei no google e tinha uma caralhada de coisa sobre isso. Formatura da escola e enquanto gente. Formatura da Manu, que, naquela época, já tinha o cabelo branco e o corpo com tinta. Virgem, lacrada, mas Monstrenga como sempre fui. Enquanto gente eu percebia, conforme evoluíam os anos e o bullying: sempre vão falar. Se eu dou para dois por pura sacanagem, se eu os amo e nunca transei com eles, se eu pinto o cabelo de branco ou se eu me pinto inteira: falarão. Vão falar.

E se não falarem, pensarão. Aos quase dezoito, aquela era a Manu que celebrava a vida no bar mais tranquilo da cidade, junto de seus dois amores. O Gabi, sempre muito desenvolvido para dançar e o Rafa, que preferia só ficar ao redor, com as mãos na gente, protetor. Era a nossa despedida de uma fase da vida que supúnhamos durar para sempre. Era a despedida da gente no campo das crianças e a nossa entrada no campo dos adultos. Ano seguinte nós três faríamos 18. E seríamos livres para beber (o que já fazíamos), dirigir e ir no motel.

Ali, o Gabi olhava para mim, feliz por estar comigo e nós dois olhávamos para o Rafa. Fizemos a primeira fase da FUVEST naquele ano. Eu e o Gabi para Arquitetura, o Rafa para engenharia. O Gabi resolveu mudar de última hora e o Rafa era todinho, sempre foi, o perfil formal de um engenheiro.

Era três da manhã quando nos cansamos e eu falei ao barman:

— Você tem a chave?

Lá em cima, minha família não sabe, nem nunca vai saber, mas lá em cima do bar que gostávamos tinha um mini-motel. Era o reduto das vadias e dos viados. Onde você podia pagar por um quarto tranquilo sem ninguém te crucificar. Era por isso que eu ia tanto àquele lugar, também. Você cansava de beber e, morto de tesão, podia subir, transar, pagar pelo quarto, virar a noite fazendo sacanagem e depois encarar mais um dia com a tatuagem de “vadia” na testa.

O Gabi pegou minha mão para subir. A gente se conversou e decidiu. Ele tinha tanto medo da dor que eu e era bonitinho vê-lo com medo. Sabíamos que dar dói. O Rafa se portava como o cavalheiro que era, todo cuidado para cima de

nós dois. O Rafa era tão virgem quanto eu, nunca fez sexo, dezessete anos e virgens, os três promíscuos da sala, cada um virgem de um jeito.

— Você tem certeza? – O Gabi perguntou para mim, quando enfiou a chave na porta do corredor vazio e limpo.

— Eu tenho, você tem?

— Eu tô com medo da dor – Ele sorriu bonitinho, olhando para o Rafa. O Gabi não era mais virgem das vias normais, só da outra. – Esse daí é grande.

— Também tô com medo da dor.

— Não precisa ser hoje. – O Rafa disse, entrando no quarto atrás de mim.

— E você acha que a gente aguenta? – Eu ri – Da outra vez foi por isso aqui, Seu Rafael, que eu não perco o lacre.

— Se você estiver cansada, a gente faz outra hora.

Eu estava cansada. Meus pés doíam de dançar, de ficar em pé e de comemorar a vida que eu levava. Mas eu queria aquilo. Tirei meu vestido e mostrei a calcinha e sutiã que eu planejei colocar. De salto ainda, eu ficava menos baixinha que eles, mas aquela era eu, de peito pequeno, bunda pequena, tábua na frente e atrás.

De todo jeito, nunca fiquei com vergonha deles. Nem quando o Gabi chamava meus peitos de azeitonas, nem quando o Rafa tirou a minha roupa pela primeira vez. Eu tenho vergonha, coro só de falar essas coisas na frente dos outros, mas com eles eu não tinha. O Gabi, meio vermelho de vergonha e de beber, tirou a própria camisa social e me beijou me tomando num abraço mais para ver se ele acalmava e mudava a adrenalina que fluía no sangue em forma de medo, para uma adrenalina que corresse em forma de tesão.

O Rafa se juntou depois, atrás do Gabi, pelo pescoço e ombros, moldando as costas dele com as mãos como se o Gabi fosse de barro. Nas primeiras vezes que eles se beijaram, eles se sentiram mal com aquilo. Só posso imaginar como é. Eles queriam, mas na cabeça deles, gostar de outro menino era muito esquisito.

Agora eles se beijam e não ligam mais para isso. De união nossa, naquela época, completávamos dois anos. Nós três contra o mundo fechava a falange de uma tropa que desejava o mundo e que não se afligia mais quando se via em perigo. Sabíamos lidar com a maioria das coisas.

Se teve uma matéria que a escola ensinou para nós era a ter força. Seguir o que nosso coração mandar, porque, diante da norma a gente diminui e enfraquece. Seguir a regra não nos fez bem. Nem ao Rafa, nem a mim, nem ao Gabi. Éramos assim que combinávamos, os três, com gente sobrando e sem ninguém nunca segurar vela.

Tínhamos tempo. Nossos pais sabiam que iríamos a uma festa foda, que

voltaríamos tarde. Era a nossa festa e, como éramos três, eles não supunham que fôssemos terminar um se esfregando no outro.

Mas íamos. Algum dia eu teria que contar para a minha família, mas eu ainda não era madura o bastante. Precisava fortalecer o peito antes de enfrentar a minha mãe que era moderna, mente aberta e tal, mas não para tudo.

Fui da boca do Gabi para a boca do Rafa, o Rafa agora no meio. O Gabi tirava a camisa do Rafa pela cabeça e os primeiros sinais de que o Rafa aflorava estavam lá. Ele sempre fica lindo quando estamos sozinhos. Ganha um jeitão de macho, um jeitão duro que nós gostamos muito, mas desde que tem parado de estudar tanto, que tem ido para a academia, ele tem ficado gostoso.

Gostoso de um jeito que você não pode deixá-lo sozinho no mundo, ou o perde. Gostoso e lindo de um jeito silencioso, duro e muito nosso. Gabi e eu moldamos esse menino para o mundo e agora ele se apresenta enquanto homem, não mais como o moleque tímido com fobia social cuja mãe comprava os amiguinhos com doces para que continuássemos falando com ele. Encaixadinho, perfeito. E o Gabi e eu adorávamos o homem que se formava depois da puberdade porque, embora silencioso, era imenso e profundo como uma paisagem. Um tipo que deixa a gente mais feliz só porque existe.

As roupas saíam do corpo, a gente relaxava, as palavras doces e calmas sumiam para coisas mais doidas. O Gabi gostava de falar e a gente gostava de ouví-lo. E quem diria que de um reposicionamento de cadeiras surgiria uma coisa dessas. Quem diria que uma professora, cansada de mandar aluno calar a boca, nos encaixaria num espaço e num tempo onde éramos perfeitos.

Perfeito. A gente sempre se conversava muito, sobre tudo, por isso aquela noite não foi nada além de perfeita. Eles sabiam que eu esquentava com beijo, a gente sabia que o Gabi perdia a consciência quando apertávamos as tetinhas dele e sabíamos que o Rafa gostava de ser chupado. Sabíamos e, antes de alguém entrar em alguém, reconhecíamos os corpos que eram nossos e não-nossos.

Eu fui mulher o bastante, a minha vida toda, para assumir o que eu queria. E eles, embora a gente fosse tudo moleque, foram homens o bastante para assumir o que queriam. Nós queríamos aquilo porque sem aquilo, sem nosso trio, nós éramos fracos e facilmente manipuláveis. Nós três, cada um completando o defeito do outro com uma virtude, nós nos sentíamos deuses do mundo.

Por isso, quando eu esquentei e eu quis, quando os meninos estavam prontos também, eu disse para o Rafa o que eu queria e eles vestiram a camisinha. Sanduíche de Manu. Em pé, subi no colo do Rafa, lacei-o com as pernas e fui entrando devagarinho, sentindo tudo, dor e outras coisas, até ele estar completo lá dentro com o Gabi, nas minhas costas, me ajudando no

movimento. Abraçada pelos dois, o Gabi me abraçando pelas costas, o Rafa lá dentro e me segurando pelas pernas. Foi assim que eu decidi perder a virgindade. Eu disse o que, o como e o quando, mas ninguém disse que doía tanto.

— Sem pressa, Baixinha. – O Rafa disse, me beijando a boca.

— Tá doendo muito? – O Gabi perguntou.

— Tá. – Respondi, escondendo o rosto no ombro do Rafa.

— Deixa eu te ajudar.

O Gabi colocou a mão no meu clitóris, melando um pouquinho a mão de sangue. Me beijou os ombros, as costas, os peitos e foi cantando, devagarinho, um monte de frase de amor a respeito dos anos que passamos separados.

Quando eu, com doze anos, sonhei com eles como pais dos meus filhos, quando eu pensei neles como meus maridos, um por vez sem nunca me decidir, eu nunca imaginei que perderia a minha virgindade no sótão de um inferninho de puta e viado. Num refúgio onde a gente podia se esconder, fingir que éramos a norma e que eles, os que fingem orgasmo, que traem esposa, que ameaçam bater na namorada, é que estavam errados.

Podíamos cantar o hino do amor sem nos preocupar que só podíamos amar um por vez. Eu podia gemer baixinho tanto pelo Rafa, quanto pelo Gabi que sempre teve as mãos muito ágeis e caprichosas.

Aos poucos eu fui relaxando e me acalmando. Mesmo quando a gente decide as coisas e acha que está pronta, a gente fica nervosa. E doía. E a dor tirava todo o tesão e a certeza que eu tinha. Aos poucos, de volta ao confortável, entre a cruz e a espada, um menino de pedra e um todo fluídos, feito de água, eu acalmava e me deixava ir.

— Eu quero parar – Eu disse.

— Você quer parar com tudo e ir deitar? – O Gabi tinha uma voz calmante e quentinha, de lar e de casa. O Rafa me olhava sorrindo sem dizer nada ao mesmo tempo que parecia dizer que estava tudo bem.

— Não, só quero sair de cima.

Eles me conheciam melhor, na minha primeira vez, do que muita gente se conhece depois de casados. Era a primeira vez de todo mundo, ali. Cada um rompendo o lacre que podia romper. Rafa e eu nas vias normais e o Gabi, com medo da dor porque todo mundo fala que dar a primeira vez dói.

Tão respeitoso como foi comigo, o Rafa deu beijinho no Gabi para acalmá-lo enquanto eu ia no banheiro para limpar a lambança de sangue.

— É melhor você vir, Amor. – O Rafa disse, se deitando na cama. – Eu não quero te machucar e acho que dói menos se for você no controle.

Foi a primeira vez que o Rafa chamou o Gabi de amor. Era sempre Gabi, para o Rafa. Amor deixou a gente apaixonado no menino de ferro mais ainda.

Sem roupa, o Gabi foi, devagarinho, sentando no Rafa. Eu, olhando os dois, beijei o Gabi. Era a minha vez de acalmá-lo. Ele fez a mesma cara que eu fiz, de dor e outras coisas, sem saber qual era mais forte. A primeira vez que entram em você não dita todas as outras, mas começa uma viagem muito boa. O Gabi tinha a carinha mais linda do mundo, ali. O Rafa suspirava muito fundo, me puxando pelo quadril para a cara dele, me montando em cima dele, me lambendo e me mordendo enquanto o Gabi sentava nele também, movendo-se devagarinho, os olhinhos fechados.

— Vem pra mim também, Manu. – O Gabi disse.

Tentei sentar no Gabi enquanto o Gabi estava sentado no Rafa, mas a gente não conseguiu. Sabíamos onde cada um colocava a mão agora, paramos de dar encontrões, estávamos confortáveis com as nossas posições, mas agora tínhamos adicionado novos elementos à fórmula e nem todas as posições davam certo.

Invertemos. Eu estava quente de novo, pronta e sem dor. Deitei na cama, o Gabi veio em cima de mim e o Rafa, em cima do Gabi. O Rafa, dentro do Gabi, me segurava pelos peitos enquanto me olhava, a testa franzidinha, doido de tesão no que via e no que sentia.

Quando o Gabi me atacou com a boca, veio todo para cima de mim, sentindo as primeiras ondas do orgasmo dele, eu fiquei olhando. Não quis beijá-lo, quis vê-lo. Mexi devagarinho com ele dentro de mim, o Rafa também e ele xingou muito. Gemia xingando, falando besteira, gozando doido como a gente nunca tinha visto. Olhei para o Rafa, também, sempre mais comedido. O Rafa ia esperar para gozar comigo, eu sabia. Me apertava com as mãos, olhando o Gabi, louco também, o rosto vermelho e lindo, mas ele ia me esperar.

O Rafa olhava para mim como se o Gabi fosse responsabilidade nossa. O nosso menino. Tinha como dar certo, nós três. Tinha tanto como dar certo, que nós três ficávamos doido de tesão de ver o outro. O Gabi xingando e falando palavrão, jorrando de fora para dentro, tremendo um pouquinho e a gente apaixonado nele só de vê-lo.

A maior declaração de amor do mundo estava nos olhos do Rafa e nos meus, mas o Gabi estava de olho fechado, não viu. A gente promete te amar, Gabi. Na alegria e na tristeza e em todos os dias das nossas vidas.

Mas ele viu que éramos seus amigos de infância se declarando no silêncio, quando abriu os olhos. Olhou para mim cheinho de amor, cansado do orgasmo e me beijou os olhos. Se ele não entendeu as palavras mudas, entendia o contexto. Desculpa ter te abandonado nesses anos, Gabi. E de não ter te protegido mais quando te pegavam no banheiro para te encher de surra.

Com carinho, o Rafa beijou o Gabi onde conseguia, dizendo baixinho

umas coisas que nunca diz. Ali, depois de quase dois anos, foi se declarar como se declarou para mim, na primeira vez que gozei com ele. Vi os olhinhos do Gabi se encher de lágrimas, mas o azul não ficou vermelho, continuou branquinho e lindo.

Saímos de dentro uns dos outros, o Rafa trocou de camisinha e disse, baixinho, encostando na parede, segurando a camisinha pela base:

— Agora vem cá você, Baixinha Linda – O Rafa me disse, sorrindo muito – Porque eu sonho com você desde quando eu tinha medo de gente.

— A garota mais bonita da escola – O Gabi completou, quando se juntou a nós, eu descendo devagarinho pelo corpo do Rafa até encaixá-lo certinho dentro de mim, com as pernas o laçando pela cintura.

— Um dia a gente vai ser menos desengonçado – Eu dizia, ainda sem sincronizar o meu vai-e-vem no vai-e-vem do Rafa.

— Não esquenta, Gatinha – O Gabi disse, cochichando no meu ouvido, abrindo a minha bunda, colando o Rafa e eu na parede – Não tem que ter pressa.

— Fica parada, Amor – O Rafa disse para mim, as mãos ao redor da minha cintura, sorrindo tão bonito que me tirava um pouco da ardência lá embaixo e do medo de não conseguir gozar na minha primeira vez – E fecha os olhos.

— Você fica fingindo que não está com medo para não deixar a gente nervoso – O Gabi me beijou a parte do rosto que conseguia alcançar – Sabemos a pressão que isso é para as meninas. – Ele me beijou de novo, afastando meu cabelo das minhas costas – A gente vai te beijar toda, Baixinha. Se tiver alguma coisa que você queira, você diz.

— Só fecha os olhos e confia.

Então eu fechei e parei de olhar quem fazia o quê, só relaxei e deixei. Eu tinha medo, muito medo. Não era porque a gente ensaiava, que sabíamos fazer. Doía lá embaixo, ainda. Ardia. O Rafa entrava devagarinho, bem devagarinho, mais massagem que sexo e o Gabi me beijava as costas, os ombros, o pescoço. Um deles pegou meus peitos com a boca, acho que foi o Rafa. O que faltava para sincronizar o meu vai-e-vem com o do Rafa era tesão da minha parte. Depois que ele trocou de camisinha eu apaguei um pouco.

Subindo e descendo, sentindo a mão de um no meu clitóris, a boca no meu mamilo, os beijos nas costas, o cuidado de não me deixarem cair, a leveza dos toques, nenhum tapa, nenhum arranhão, nenhum xingamento. Só cuidado e um tesão que me subia cada vez mais alto, mais alto, mais alto…

Era eu o fluxo de amor, por onde tudo brotava e de onde fluía. Era eu a passagem de amor, agora, ligando o Rafa no Gabi do mesmo jeito que o Gabi ligou o Rafa em mim enquanto gozava. Era a eu a princesa do universo gemendo

baixinho, a boca entreaberta, os cabelos dançando no movimento e todas as juras de amor no mundo.

Tem como isso, tão simples, tão bonito, ser errado? Tem como alguém querer quebrar isso, proibir isso, impedir que eu seja feliz? Não tem. Ali eu fui honesta comigo e com os meus dois príncipes. Eu fui honesta com meu coração, com a minha vagina e com todos os ensinamentos que a minha mãe deu para mim.

Coração Vadio sim, mãe. Eu lembro da senhora falando isso quando te contei que eu gostava de dois, lá atrás, nos meus doze anos. Amo e sempre amei dois meninos. Um sentimento desses, controverso e que me faz dona de mim, não pode estar errado.

O Gabi dizia baixinho, enquanto eu dançava no colo do nosso outro amor, o quanto doeu para ele, ver a gente namorando. O quanto ele quis ir atrás de mim e o quanto ele chorou quando entendeu que sentia falta do Rafa. O Rafa não dizia nada, cada vez mais rápido e mais bruto, chegando comigo onde eu ia.

— Olha para mim, Baixinha. – O Rafa disse, o maxilar travado de outra coisa, os olhos cheios d'água, emocionado pelo que o Gabi dizia – Não me deixa.

— Não te deixo, Rafa. Nunca mais.

— Não me deixa, Gabi. – O Rafa pediu.

— Nunca mais.

E então nós sabíamos que o mundo estava errado, não a gente. Ele adiantou o movimento, o Gabi forçou a mão no meu clitóris e me curvou no peito do Rafa para poder beijá-lo. A coisa mais intensa que eu já senti na vida, entre o menino-pedra e o menino-água. Corrente de amor de três elos.